

ANAIS DO
IV SIMPÓSIO NACIONAL DOS PROFESSORES
UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA

Organizado pelo PROF. EURÍPEDES SIMÕES DE PAULA

COLONIZAÇÃO E
MIGRAÇÃO

XXXI

Coleção de *Revista de História* sob
a direção do Prof. Eurípedes
Simões de Paula.



São Paulo
1969

SOBREVIVÊNCIA PORTUGUÊSA NO CARIRI CEARENSE (*).

JOSÉ ALVES DE FIGUEIREDO FILHO

da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras
do Crato (Ceará)

PRESENÇA PORTUGUESA.

A presença de Portugal no Cariri cearense é bem acentuada, ainda nos dias atuais. Essa grande nação, apesar de confinada em estreita faixa de terra da Europa, foi quem realmente forjou êste imenso Brasil de hoje. Deu-nos esta unidade inigualável, de língua, religião, costumes, que nos dá lugar de destaque na comunhão de nacionalidades modernas, do momento. De uma amálgama de raças, edificou um povo indivisível, identificado pelo mesmo ideal de progresso e de patriotismo.

O Cariri, região encravada no sul do Ceará, em pleno centro geográfico do Nordeste brasileiro, recebeu também os influxos benéficos de Portugal. Tal influência, graças a Deus, ainda sobrevive e não perecerá.

O Vale Caririense foi povoado, nos fins do século XVII para os mrcípios do século XVIII, por elementos étnicos já nacionalizados, chegados pelo caminho natural do rio São Francisco e seus afluentes. Eram mamelucos, mulatos e brancos, no meio dos quais se contavam alguns reinóis, já bronzeados pelo sol escaldante do Nordeste. Vinham à cata de novas pastagens para o gado, embora tivessem, em mente, o sonho das pedras preciosas, do ouro e da prata. Estávamos em pleno ciclo da chamada civilização do couro, de que nos fala o historiógrafo máximo do Brasil, o cearense Capistrano de Abreu, no Norte e em relação ao Sul, o pensador e político argentino Sarmiento.

A maioria daqueles ousados sertanistas tinha, bem palpitante, o sangue luso nas veias. Portugal foi sempre heróico, desde o seu berço. Nasceu acalentado por essa figura ciclópica — Viriato, que sou-

(*) . — Comunicação apresentada na 4a. sessão de estudos, dia 5 de setembro de 1967 (*Nota da Redação*).

be deter, enquanto vivo, tôda a onipotência de Roma. Venceu orgulhosos generais romanos, estrategistas experimentados, sendo abtido por Pompeu, rival de César, ùnicamente pelo punhal de traidores.

A maior epopéia lusa, já como nacionalidade formada, foi a descoberta de novas terras e novos oceanos, a dilatar “Fé e o Império”. O Brasil nascera daqueles gloriosos feitos de desvendar o segrêdo multi-secular dos mares igmotos pela tenacidade e inteligência dos lusitanos.

Outro feito de igual tamanho ainda se realizaria, no Brasil, pelo sangue português, já mesclado ao brasileiro — o das *Bandeiras* de São Paulo e das *Entradas* da Bahia. Foi ruptura pela audácia do tratado de Tordezilhas a dilatar, igualmente, o Império, não pelo caminho efêmero dos mares, mas pelas terras inóspitas do Brasil, incorporando-as definitivamente à civilização.

O Cariri cearense, duzentos anos após a descoberta do Brasil pelo gênio lusitano, foi alcançado por elementos baianos, em busca de pastagens novas para o gado bovino que se alastrava pelos sertões afora e também na ingrata tarefa do preamento do pobre americola, a fim de forçá-lo ao trabalho.

“O Cariri é região do Ceará, situado ao sopé do Araripe. É irrigado, em grande parte, por dezenas de fontes perenes, brotadas daquela serra que o separa de Pernambuco e causa principal da situação privilegiada, que sua natureza desfruta, em contraste com a caatinga ressequida que o circunda.

‘O Cariri cearense oferece uma feição original e bem caracterizada, quer se considere a sua fácies geográfica, quer as suas origens e sobrevivências étnicas, quer o seu aspecto social.

Esta curiosa diferenciação, no seu conjunto, bem acentuada quanto ao resto do Ceará e dos vizinhos, o é igualmente em relação a todo o País.

O mais frizante contraste observa-se entre o pequeno vale do Batateira com seus tributários, ainda menores, e o sertão circundante. Mas interposto entre aquêle e êste) uma zona de transição se estende, subdividida em trechos, mais ou menos bem definidos, que daquele vale, se irradiam, perdendo progressivamente as qualidades especiais que sobremodo, singularizam a parte nuclear” (Tomás Pompeu Sobrinho).

A diferença entre sua natureza e a circunvizinhança é bem flagrante. Daí o filho do Cariri, apesar de bem interiorano, sentir que sua região é fora do sertão propriamente dito.

Não fica satisfeito o caririense quando alguém o chama de sertanejo e seu Cariri de sertão. Não toma a palavra sertão no seu sentido mais amplo, na accepção de zona do interior, afastada da

faixa litorânea. O Cariri, do Ceará, é uma espécie de zona da mata pernambucana, ou dos brejos da Paraíba.

No Cariri, conforme a última divisão municipal do Ceará, há, presentemente, 20 municípios, aqui discriminados, em ordem alfabética:

Abaira, Araripe, Barbalha, Barro, Brejo Santo, Caririaçu, Crato, Farias Brito, Grangeiro, Jardim, Jati, Juazeiro do Norte, Mauriti, Milagres, Missão Velha, Nova Olinda, Penaforte, Porteiras, Potengi, Santana do Cariri. (2).

Mesmo com o prurido de topônimos ameríndios, muitos nomes, genuinamente portugueses, foram conservados, na região, enquanto outros são bilíngües. Um deles ainda lembra a missão dos tempos da colonização. Foi o primeiro povoado a ser criado no Vale, dando-lhe também a designação de Cariris Novos, a fim de distinguir dos Cariris Velhos, região conhecida em primeiro lugar, pelos Carmelitas, na Paraíba do Norte.

O Cariri conservou o topônimo da nação silvícola, que o povoava, antes do aparecimento do elemento civilizado.

Descoberto por criadores, cortado de córregos perenes, com inúmeros terrenos de brejos, devido a sua pródiga natureza, foi transformado facilmente em zona de intensa agricultura. Tornou-se logo em região canavieira, importando mudas do recôncavo baiano ou zona da mata pernambucana, já intensamente cultivadora da cana de açúcar, pela importação de sementes das ilhas da Madeira, trazidas pela ação eminentemente colonizadora de Portugal.

O Cariri cearense parece, pelas descrições de Garret, Eça de Queiroz e Aquilino Ribeiro, um trecho da terra lusa, situado entre o Douro e o Milho. Seus terrenos são irrigáveis, com sítios pitorescos, bicas propícias aos banhos capitosos, fruteirais e essas mil fascinações de terrenos, onde há água regadia, em abundância.

A distribuição d'água, por falta de regulamentação de lei, em nação onde há escassez total ou superabundância do líquido precioso, tinha de ser feita, por mera convenção ou partilha amigável, entre os primeiros proprietários caririenses. E isso se fez, aos moldes do sistema da mãe-pátria. Ainda perdura, com força de lei, quando o Cariri já entrou em pleno período de total eletrificação, com a energia de Paulo Afonso, os aviões a trafegarem com regularidade, dominando-lhe os céus, sempre belos e claros. A medida d'água ainda é a telha portuguesa, com 18 centímetros de diâmetro. É aberta em tábua grossa, de madeira resistente à umidade, colocada nas nascentes dos

(1). — Figueiredo Filho (José Alves), *Engenheiros de rapadura do Cariri*. Edição do Serviço de Informação Agrícola. Ministério da Agricultura.

(2). — Idem, *História do Cariri*, vol. I. Crato, 1964. Ed. Estudos e Pesquisas. Faculdade de Filosofia do Crato.

pés-de-serra do Araripe. A partilha antiga é fielmente seguida pelos novos proprietários, senhores de terras, por herança ou compra. A divisão d'água é bem singular. Alguém pode ter uma telha d'água do riacho Batateira, durante dois dias da semana, outro pelo espaço de duas noites, ou telha e meia. Aldegundes Gomes de Matos, senhor do engenho Paraíso e respectivo sítio, dispõe de 72 horas d'água durante o mês. Na estação chuvosa, que é no inverno, as levadas caem livres nos riachos. O têrmo *levada*, bem lusitano, é que conduz a água regadia pelos canaviais e fruteirais em vez de rêgo noutras zonas, ou de regueiro, na serra da Ibiapaba, no Ceará, como nos informa o livro *Santa*, de Pedro Ferreira. À subdivisão da levada em pequenos sulcos é que recebe o nome de rêgo, no Cariri, especialmente nos canaviais.

Embora com o povoamento regional realizado com mestiços nacionais, em sua maioria, a influência de Portugal perdura ainda. São comuns os sobrenomes de topônimos lusos, a exemplo de Pôrto, Lisboa, Guimarães, Viana, Cartaxo, Castelo Branco, Braga, Setúbal, Lima, etc.

A presença de Portugal que nos trouxe a verdadeira e perdurável civilização é inapagável, nestes rincões nordestinos. A levada, a bica, as romarias ruidosas, as retumbantes festas de Igreja, com novenário, a Semana Santa, com a Procissão de Passos, vieram-nos de lá, do outro lado do Atlântico. Mesmo com a aculturação acentuada do ameríndio, ou do africano, a marca lusitana aflora, pujante de seiva, de quando em quando. Mostremos modinha antiga semelhante a fado português, de autoria da poetisa cratense Epifânia Bihlar parecendo até louvor à paisagem minhota:

*Que panorama me deleita a vista,
Que olhar tão doce, só de um serafim,
Eu disse à Têca meu sofrer infindo,
Ela me responde: Eu também sofro assim.*

*Aquela levada perto das mangueiras,
Este ruge ruge que os coqueiros têm,
Tudo me lembra meu Pimenta caro
Onde a infância desfrutei tão bem!*

A saudade que a poetisa expressa do encantador sítio Pimenta, nas biqueiras outrora de Crato, parece até com a plangente saudade lusa, tão decantada e sentida pelos tempos afora.

A MARCA DE PORTUGAL NA VIDA ÁGRO-PASTORIL CARIRIENSE

A cultura agrícola que o povoador, influenciado pelo português, encontrou entre autóctones, no Cariri, abraçado sob o amplexo mi-

lenar da serra do Araripe, foi a da mandioca. Dêsse rico tubérculo, o selvícola já demonstrava técnica primitiva, fabricando apetitosa e alva farinha. O luso e seu descendente não a eliminaram. Homens decididos, que se adaptavam ao meio, procuraram melhorar-lhe o cultivo. Seu primeiro catequista — o italiano *Frei Carlos Maria de Ferrara*, do Hospício de Olinda, aldeou o indígena Cariri, ou Kariri, em torno de uma casa de farinha, de capela, e de duas escolas.

Para melhorar e retirar o autóctone do primitivo *Tipiti*, prensa rústica, confeccionada de fôlhas de palmeiras, o nôvo dono da terra deu-lhe novidade mais prática, filha da secular cultura lusa — o *Lagar*. É a prensa de exprimer uvas, retirando-lhe êsse vinho saboroso de Portugal, tão apreciado no mundo inteiro. Ainda hoje perdura no Cariri e noutras regiões. Só agora é que moderna fábrica de Crato introduziu, no processo de fabricar farinha, sistema mecanizado.

Diz Arlindo de Sousa, o especialista em assuntos lusitanos (3):

“As terminologias referentes às culturas da oliveira, sobreira, vinha, linho, trigo, milho, centeio, descasques de cortiça e arroz, moagens de cereais e de outros produtos, transpuseram-se à lavoura, indústria e comércio da cana de açúcar e moça branca, da bor-racha, fumo e algodão, cacau, mate, café e babaçu. Com os vocábulo-vieram as idéias que êles exprimiam. Parece até, ter mudado de terreno a inspiração lusitana.”

Foi o que sucedeu com o engenho de cana. Até o termo foi importado da mãe-pátria. É empregado ali no sentido de pequena fábrica.

A cultura agrícola que se assenhorou do Vale Caririense, ainda nos tempos coloniais, foi a da cana de açúcar, vinda de Pernambuco e da Bahia, como já disse, no presente trabalho. Mas, quem a trouxe para o Nordeste? Êsses incomparáveis vultos de colonizadores administradores de primeira, que podem honrar a qualquer nacionalidade — o donatário de Pernambuco — Duarte Coêlho e Tomé de Sousa, o primeiro Governador-Geral dêstes “*Brais*”.

No engenho tudo lembra Portugal: almanjarra e Alfenim, de origem moura, tendal, bolandeira, etc.

Passemos a relato rápido de outras fontes de riquezas.

A criação de gado *vacum* foi-nos trazida pelos primeiros de-
vassadores do sertão, que, nestas terras dadivosas, trocaram o laço

(3). — Sousa (Arlindo). *Língua Portuguesa do Brasil*, pág. 80.

pelo cabo da enxada, com o solo umoso e água perene, convidando-os a revolvê-las. As cabeças de gado vieram-nos das ilhas portuguesas da Madeira e Açores, com estágio, por algum tempo, na velha Bahia de Todos os Santos.

O lusitano foi sempre agricultor por excelência. Trocando Portugal pelo Brasil, teve de mudar suas habituais culturas agrícolas por outras, com seu inextinguível poder de adaptação ao meio.

Além de devotado admirador de Gilberto Freyre e de meu grande amigo Luís da Câmara Cascudo, já tive a feliz oportunidade de conversar pessoalmente com os dois proeminentes intelectuais brasileiros, de renome internacional. Ambos são unânimes em proclamar que Portugal, no além-mar, primou em construir novas nacionalidades, com personalidade própria. O exemplo frisante é o Brasil que, conservando-se fiel, em muita coisa, à mae-pátria, não é outro Portugal, ao contrário de outros povos colonizadores. O luso, no lado de cá do Atlântico, abandonou todos os hábitos caseiros da *Santa Terrinha*, embora impregnado sempre de saudades, adaptando-se integralmente à nova vida. Da farinha de trigo, passou a usar farinha de mandioca, do bom vinho do Pôrto, aderiu à cachaça. Miscigenou-se com o ameríndio, com o africano, sem o escrúpulo racista dos chamados erroneamente povos superiores, que hoje colhem os frutos azedos, na repulsa coletiva das raças de côr.

Mesclando-se o português com raças diferentes, deixou, no entanto, marcas indeléveis no Brasil, incluindo em zonas fora do litoral, onde chegou êle através de seus descendentes, como aconteceu no Cariri cearense.

Tomemos o fio da meada.

Vejamos sinais bem lusos de produtos agrícolas, ainda agora a dominarem o panorama econômico sul cearense. O feijão, que é o verdadeiro “pão nosso de cada dia”, veio-nos indiretamente do além mar, o mesmo sucedendo com o arroz que se fincou na gleba cariense. Mas, faltam outras particularidades. Além do caju, ananás, cajás, frutas nativas, temos outras, procedentes de países longínquos, importadas, outrora, em naus e caravelas dos intrépidos nautas lusitanos.

O coqueiro da praia, disseminado em todo o litoral nordestino, não é originário do Brasil. Veio-nos de fora e foi plantado pelo incentivo português a troca de prêmio aos lavradores. Chegou igualmente ao Cariri e ficou. Só temos uma única variedade de laranja, oriunda do Cariri e de outras paragens nacionais — é a amarga laranja da terra — diferente das outras, procedentes do Reino. Entre nós, há laranja bem doce, quase ausente de acidez, mas de casca

bem amarga, como a da terra. É denominada comumente de laranja *Tanger*. A agradabilíssima variedade, com a denominação de laranja cravo, ou mexeriqueira, também é conhecida por *Tangerina*. A *Lima* regional tem a designação comum de *Lima da Pérsia*. A variedade mais conhecida é a laranja da *China*, enquanto existe no meio o *Limão Galêgo*, cujas cascas são usadas em apetitosas compotas.

Tudo isso mostra o sinal luso indireto: Tânger, Pérsia, China eram pontos obrigatórios dos antigos navegantes portugueses, enquanto a Galícia é ibérica. Ainda usamos localmente a expressão — *Aqui não morreu Galego*. Demonstra repulsa pelos ajuntamentos populares sem causa plausível.

Tudo isso foi o luso que nos introduziu pela via de Salvador ou de Recife.

E o abacateiro, tão arraigado nos sítios de água regadia do Cariri parecendo fruteira originária bem de nossas terras? Lembremos-lhe o nome científico — *Laurus Persea*. Não foi o persa que nos trouxe a semente, nem tão pouco o brasileiro foi buscá-la, ali, nos tempos que já se foram. Tudo tem a marca bem lusitana. A Ata é uma anocacia — *Annona Squamosa*, Lin. Sempre foi conhecida, no Vale Caririense, com o nome de *Pinha*, como no Recife e igualzinho em Portugal. Em Fortaleza era simplesmente *Ata*. Agora, com a aproximação da capital cearense com o Cariri, pela via férrea e pelas rodovias, é que os nomes estão a confundir-se.

Na zona caririense, antes da energia elétrica de Paulo Afonso e dos motores a gasolina e querosene, ainda se empregava a *Nora* a puxar água em poços ou cacimbas. O alambique de destilar a garapa de cana fermentada é invenção árabe. O monjolo o é igualmente. Ainda empregamos o verbo mourejar na acepção de trabalhar em demasia. Nas muitas histórias de trancoso ou da carochinha, denominações inteiramente lusitanas, há moursas de beleza deslumbrante em contraste com a feíssima *Moura Torta*. Tudo isso é a presença moura em Portugal que se transplantou para este interior do Nordeste Brasileiro.

PORTUGAL NO FOLCLORE CARIRIENSE

É bem rico e variado o folclore da região caririense, do Ceará. É a contribuição das três raças que nos formaram. A percentagem do elemento negro foi relativamente diminuta. O escravo foi aqui introduzido, em meados do século XVIII, com a tentativa de mineração de ouro, em Missão Velha, tentativa esta totalmente frus-

trada pelo pouco teor do metal nas aluviões do Morro Dourado. Desse ensaio de mineração, veio-nos o gôsto pela arte de ourives, originária de Portugal. A empresa fracassou e o escravo radicou-se à terra, atrelado aos engenhos. As oficinas ou tendas (palavra arcaica lusa) foram proibidas pelo Marquês de Pombal. As ourivesarias ressurgiram depois, primeiramente em Crato e depois em Juazeiro do Norte.

Voltemos à ciência do povo, produto da aculturação do prêto, do ameríncola e do branco. Mesmo com a ausência de séculos de contato lusitano, a presença de Portugal é bem acentuada no folclore cariense.

Começemos pelo *Zabumba de couro, Cabaçal ou música de couro*. Esse tôsko conjunto, a primeira vista, tem tôda a característica da África ou do ameríndio. Abramos o meu livro "*O Folclore no Cariri*", (4) e vejamos transcrição que fiz de nota do conhecido historiógrafo e pesquisador cearense — Dr. João Nogueira:

Gaiteiros — Duas gaitas de foles, um bombo e um tambor. Tocam nas festas, especialmente no *arraial* em leilão de prendas que se faz no dia 15 de agosto (Assunção) e no dia (16) de São Roque. Saem pela Vila ou Cidade, de casa em casa, arrecadando esmolas e donativos, acompanhados do juiz da festa e membros da mesa regedora da festa. Os melhores gaiteiros são os espanhóis, melhores e preferidos aos portuguêses, no norte de Portugal. Até certo tempo os gaiteiros tomavam parte na missa solene de São Roque mas atualmente só acompanham esta solenidade, músicos tocando instrumentos modernos."

Nesta nota do Dr. João Nogueira parece vermos o retrato ao vivo da festa do padroeiro de várias localidades carienses. Apenas a gaita de fole é trocada pelos pífaros de taboca ou taquara (toré), pife, como o caboclo simplifica o nome. Os zabumbeiros ou pifeiros, também andam de casa em casa, à cata de esmola para o padroeiro, tendo a frente um quinto elemento, a conduzir a bandeira ou estandarte com a estampa do orago. Em tempos mais recuados, as bandas de couro assistiam a missas e ainda hoje possuem cerimônia especial para visitas à Igreja e entronização do Sagrado Coração de Jesus. A exemplo da citada região de Portugal, o *Zabumba* já foi substituído pela banda de música com instrumental moderno, ou orquestra de corda.

É muito difundido no Vale Cariense, o *Maneiro Pau*, dança no ritmo do jôgo do cacête. Até há bem pouco, o cabra dos pés—

(4). — Figueiredo Filho (José Alves), *O folclore do Cariri*. Imprensa Universitária do Ceará. 1962, pág. 90.

de-serra e brejos eram peritos maneja-dores de cacetes em suas constantes brigas. Portugal os possui, como todos os torneios folclóricos internacionais, em que têm tomado parte.

As pastorinhas e pastoris, danças e cantares do ciclo de Natal, foram importações diretas da Península Ibérica, apenas com o acréscimo de motivos genuinamente brasileiros, como o caboclinho ou outro.

E o *Baião*, dança e música, que dominam o Nordeste Brasileiro, sempre atrelado ao Maneiro Pau, Reisado e Zabumba de Couro?

Há vários anos, estive a conversar demoradamente com o conhecido cantor e sanfoneiro, da Rádio e da Televisão, Luís Gonzaga, nascido no outro lado da serra do Araripe, em Exu, Pernambuco. Disse-me que o baião não tem qualquer origem africana, apesar de baiano, como o nome indica.

Francisco Vasconcellos, folclorista carioca (5), diz: É o baião o tipo de música mais tocado e dançado no folguedo em estudo (*Zabumba de couro*) seguem-se a marcha e a valsa. A música do baião tem bastante influência portuguesa, tendo chegado ao Cariri através da Bahia.

Reisado e Bumba-meu-boi, bem difundidos no Brasil inteiro, com características próprias em cada região, de vez em quando, deixam aflorar a presença lusa de antigos autos da mãe-pátria sincronizado com alguma coisa de *Carlos Magno e os doze pares de França* e motivos afro-ameríncolas. Não se pode negar no *Bumba-meu-Boi* algo do “*Monólogo da visitação* ou *Do Vaqueiro*”, de Gil Vicente.

A *Cavallhada*, comum em Portugal e nas ilhas, foi exibida em Crato pela última vez, em 1963, por ocasião das festividades folclóricas, em comemoração à sua elevação à categoria de cidade. Tais exibições mereceram os aplausos gerais dos milhares de visitantes da cidade. A cavallhada, ou argolinha, reœrda as lutas entre cristãos e mouros na península Ibérica. Foi muito popular em Portugal, especialmente nos Açores.

A *Dança-do-Pau-de-Fita*, contra-dança ou trancelim, ainda é bem divulgada em Crato. Embora de cunho internacional, provavelmente, nos chegou da mãe-pátria e integrou-se definitivamente ao Cariri, até nos meios rurais, como aconteceu no distrito barbalhense de Arajara.

O Reino ainda perdura, como há mais de cem anos, na chamada cantiga ou fala de papagaios. Não sei a razão disso. Só se foi o contato do reinol com o “louro”, nos princípios da coloniza-

(5). — Vasconcellos (Francisco), *Cariri, o grande centro do folclore do Nordeste*, in n.º 11 da revista cratense: “Itaytera”.

ção, penetrando êsse costume no âmago do Nordeste, como é o Vale Caririense. O papagaio tem cantiga certa de aprender, envolvendo a velna Lusitânia, embora adicionado de motivos atualizados. Vejamos:

*Papagaio real
Para Portugal,
Quem passa, meu louro?
É o rei que vai à caça,
Toca a trompa que o rei passa
Toca corneta, meu louro!
Tu, tu, ru, tu ...*

Ou, então, recita a *Judia*, poesia arraigada no Cariri antigo, de autoria de Thomás Ribeiro, do poema *D. Jaime*:

*Corria branda a noite, o Tejo era sereno,
A riba silenciosa, a viração sutil,
A lua em pleno azul erguia o rosto ameno,
No céu inteira paz, na terra pleno abril!*

Este trecho ainda é recitado por papagaios ensinados, numa prova evidente de que a poesia de Tomás Ribeiro muito se popularizou, em terras sul cearenses.

Louro muito falador da caso de meu sogro — Pedro Augusto Pequeno, enganchou-se em pronunciar a palavra abril. Quando conseguiu aprendê-la, por força de muito ouvir — *Abril, Abril, Abril, diga meu Louro, Abril*. Ficou a repetir sempre êsse estrebilho no fim do recitativo.

Os festejos de S. João, com fogueiras, compadrios, fogos de artifícios, abusões de moças casaduras, vieram-nos diretamente de Portugal.

Muitos dos folguedos infantis, danças de roda, têm a marca bem lusitana ou ibérica, em geral. Senhora Dona Sancha, La Condessa, Dona Viúva e outras brincadeiras de crianças são originárias de lá, embora muitas com raízes na França. Penetraram no Cariri por intermédio de moças que estudaram nas capitais. Nestes rincões tomaram roupagens da região.

Há pouco, li e anotei, os seguintes versos populares de S. Miguel, Açores (6):

(6). — Gallop (Rodney), *Cantares do povo português*. Instituto de Alta Cultura. Lisboa, pág. 145.

*Não dou as minhas filhas por oiro nem por prata
Nem por fio de algodão tão bonitas elas são.
Torno atrás cavaleiro, passasse muito bem
Torne atrás cavaleiro, escolha uma para seu bem
Não quero esta por ser rosa, nem esta por ser jasmim
Nem esta por ser cravo, quero esta cá pra mim.*

É uma variedade de *La Condessa*. Na *Formação do Folclore Brasileiro — Origens e características culturais*, expressa-se muito acertadamente, Manuel Diegues Júnior (7):

“Três correntes étnicas, portanto, apresentando externamente, cada uma delas, relativa unidade, mas jamais uniformização, portadores, no fundo, de diversificadas condições culturais, — e, no caso, os mais variados níveis de cultura, trouxeram sua contribuição para a formação do Brasil; não só populacional, mas também sua formação cultural.

O folclore brasileiro é basicamente um produto dessas três correntes, sem que se possa esconder o alicerce fundamental em que se assentou; e foi, sem dúvida, o elemento português.

Natural que assim sucedesse, por diversas razões. Em primeiro lugar, sendo a cultura mais adiantada, seria claro que se tornasse a preponderante, ou, quando menos, a mais importante, sem prejuízo da aceitação de valores culturais oriundos de outras correntes; em segundo lugar, vinha nela um elemento cultural comum, que lhe dava, senão completa unidade, ao menos uma essência fundamental: o Cristianismo. Porque foi justamente o Cristianismo que contribuiu à cultura portuguesa como um dos seus fundamentos, como uma de suas características básicas e, sobretudo, como o elemento que lhe deu plasticidade admirável de adaptação ou de acomodação. Tornou-se deste modo a cultura portuguesa a base sobre que vieram fundir-se os elementos culturais indígenas e negro-africanos”.

Em suma, até os repentistas e cantadores dos pés-de-serra e de vilas, que tanto decantam os motivos sertanejos, têm raízes aprofundadas na Península Ibérica e através dela na Provença, em França.

O REINO NÃO MORREU NO CARIRI.

Há muitos anos, quando estudava em Fortaleza, certa vez, entrei no Bar Brahma, então à rua Floriano Peixoto, acompanhado de jovem comerciante conterrâneo. Aboletámo-nos em banca e pediu êle uma cerveja e como tira-gosto, acrescentou:

(7). — Diéguas Júnior (Manuel), *Formação do folclore brasileiro — Origens e características culturais*, in “Revista Brasileira do Folclore”. Setembro e dezembro de 1962, pág. 45.

— Traga-me também um pedaço de queijo do reino.

O garção ficou sem saber o significado do pedido. Só eu, crastense, compreendi o que meu companheiro desejava e acrescentei:

— Ele quer queijo de Minas.

O queijo que se assemelhava ao do reino é originário de Minas, em latas redondas, com produto de côr mais ou menos avermelhada.

Convém frisar que o povoamento do Vale Caririense foi realizado, pelo Rio São Francisco, por elementos baianos, sergipanos e pernambucanos. Os costumes do Cariri muito se aproximam aos de Recife e recôncavo bahiano, de muita influência lusitana. Por isso, *O Reino* ainda vivia como ainda vive, em nossos hábitos regionais. Atualmente isso perdura, mesmo com o progresso moderno, após quase noventa anos de regime republicano e 150 de independência política. Ainda chamamos farinha de trigo, de farinha do reino; pão, de pão do reino e muitas outras coisas entre as quais: manteiga do reino, mesmo que seja de Minas, em contraposição à da terra, acondicionada em garrafas. Pimenta do reino, chá, cravo, quase tôdas as especiarias ainda conservam aqui a mesma designação que lembra o velho regime, que também já desapareceu em Portugal.

Até no falar do povo, encontramos arcaísmos lusos do falar seiscentista. “Pro modo, pro via, entonce, pergunta”, agora atualíssima na mãe-pátária são corriqueiros no falar sertanejo. “Pro mode” é por amor de; “provia” é por via. Há muitas palavras do uso popular, no Cariri, em que se troca o V pelo B: assoviar-assobiar, vassoura-bassoura, varrer-barrer, vasculhar-basculhar, assovio-assobio, covarde-cobarde com seus derivados, verruga-berruga . . .

Em matéria de comestíveis, prato da cozinha real? Preferimos chamá-la aqui de galinha ao molho pardo. E as compotas, bolos e outras guloseimas, herdadas de freiras de além-mar? O coelhão de porco ainda o fazemos à moda lusitana. O Bacalhau é prato predileto de Portugal. Nós o usamos e abusamos, na quaresma, substituindo o azeite doce pelo leite de côco da praia.

Por muito tempo tiveram as moedas brasileiras as mesmas denominações, das de Portugal, mesmo após a nossa independência. Ambas as nações trocaram o nome de mil réis, aqui, por Cruzeiro, lá, por Escudo. Mesmo em plena República, por muitos anos, no Cariri, se chamava a moeda de “quatrocentos réis” de *Cruzado*, tal qual no Reino de Portugal. Ainda fui contemporâneo do “vintém” (vintém) de cobre e do tostão de níquel. Ouvi igualmente muita gente denominar 320 réis de *Pataca*, à maneira colonial.

À falta de nobreza regional, “legítima de Braga”, expressão que ainda usamos, o bom sangue de certas famílias era comprovado pela descendência de *Marinheiros* que foram os ancestrais lusitanos, imigrados para o Nordeste brasileiro. Fulano tem sangue bom,

descende do marinheiro sicrano. Muitas vezes, tal avoengo conseguia até embranquecer ou enobrecer a linha preta eu ameríndia, das avós.

Braga Augusta, ou Roma de Portugal, como a denominava Garrett, ainda é lembrada nestes rincões cariarienses. Já citamos a expressão *Legítimo de Braga*. Com a expressão *Velho como a Serra do Araripe*, muita gente emprega, às vezes — *Velho como a Sé de Braga*.

Marinheiro, talvez por vir ao Brasil sempre pelo mar e pela vocação natural da raça, não é termo circunscrito ao Cariri. Em Icó usavam-no, no Recife e noutros pontos do Norte.

E as anedotas? Conheço jovem professôra que estudou na França. Ali tinha sua roda de brasileiros e portugueses. Divertiam-se muitas vezes em contar anedotas extravagantes sobre nossos irmãos de além-mar. Tôdas as ocasiões, porém, em que se aproximava estrangeiros da rodinha, restabelecia-se imediatamente a comunhão luso-brasileira. Nenhum alienígena tinha o direito de atacar, mesmo através de humcrismo, Portugal ou seu filho. A defesa passava inteiramente ao estudante destas bandas do aquém Atlântico.

O nacional com o luso, guardando cada qual sua personalidade própria, se constitui num todo indivisível.

Não quero repetir as anedotas que correm no Brasil, em tórno do português. Apenas narrarei duas que ouvi no mato, entre rurícolas mais evoluidos.

Há vários anos, no sítio Bebida Nova, município de Crato, ouvi pequeno proprietário rural contar a seguinte anedota:

Um português chegara ao Cariri, aboletara-se por algum tempo, ganhou dinheiro e resolveu retornar à “santa terrinha”, roído pelas saudades. Lá, deve ter recebido o apelido de *Brasileiro*, como acontece ao patricio que volta cheio da “gaita”. Ao chegar à terra natal, perguntaram-lhe seus familiares:

— O que você achou melhor no Brasil?

Respondeu sem titubear:

— Comer leite podre, roer pau e dormir dependurado.

A anedota é tipicamente de origem cariariense. Traduzamos, a fim de comprovar. Leite podre, é coalhada; roer pau, é roer o duro caroço de piqui (condimento bem regional); dormir dependurado, é dormir em rede.

Corria também naquelas paragens a velha anedota da pergunta ao português pelo brasileiro:

— Por que o português troca o “B” pelo “V”?

— São aqueles vêstas lá das ilhas — respondeu-lhe o marinheiro pé de chumbo.

Mas, as brigas entre nacionais e lusitanos são sempre brigas de irmão. Servem para alicerçar velha e sólida amizade.

O PORTUGUÊS NOS ACONTECIMENTOS HISTÓRICOS DO CARIRI.

É bem marcante a presença do português nos fatos históricos caririenses. Mesmo entre elementos que lutaram pela Independência na região, foco principal da Emancipação política, entre 1817 e 1824, há alguns lusitanos de verdade. Os cabecilhas mais em evidência, das lutas de 1817, 1822, expedição contra Caxias, no Maranhão e Confederação do Equador, eram filhos de reinóis imigrados.

Crato é topônimo originário de Portugal. Leiamos trecho do primeiro volume de minha "*História do Cariri*" (8).

"A Missão do Miranda, ao ser elevada à vila, não foi isoladamente. Foi com Baturité, pela ordem do governador de Pernambuco — Diogo Lôbo, de 6 de agosto de 1763, renovada pelo sucessor, em 16 de dezembro do mesmo ano — Conde Copeiro-Mor-Vila-Flôr.

O Marquês de Pombal, com seu afã de privar o Brasil dos topônimos indígenas, ordenou ao Governador de Pernambuco que desse o nome de localidades portuguesas a toda vila que fosse criada em sua jurisdição. À Missão do Miranda coube o de vilarejo alentejano, cuja celebridade era apenas o denominar grão-priorato, sendo o último a adotá-lo o infante D. Miguel, mais tarde D. Miguel I. Nos primórdios da monarquia lusa já aparecia com a denominação de Ucrate ou Ocrato".

A aldeia de frei Carlos Maria de Ferrara recebeu o pomposo nome de Vila Real do Crato. Mais adiante, através de lutas tenazes e portentosas em prol da independência e da república, iria fazer o possível para desmentir o sonoro epíteto com que foi agraciada.

"Em 17 de junho de 1763, a Secretaria dos Domínios Ultramarinos de Portugal, mediante aviso, autorizou Luís Diogo Lôbo da Silva, capitão-general e governador de Pernambuco, a cometer a Vitorino Soares Barbosa, ouvidor e corregedor geral da comarca do Ceará Grande que abrangia a capitania toda, a missão de fundar novas vilas, de acordo com os alvarás de 6 e 7 de junho de 1755 e de 8 de maio de 1758 e Carta Régia de 14 de setembro deste ano.

Em 6 de agosto de 1763, cumpriu Luís Diogo o que lhe ordenaram, encarregando Vitorino de erigir em vilas as localidades cearense de Baturité e Crato.

(8). — *História do Cariri*, pág. 31.

Em março já se achava em Baturité o ouvidor, que em 14 de abril fundou a Vila Real de Mor Nôvo d'América, depois Baturité, às vozes de Real, Real! Viva o nosso augusto soberano D. José I de Portugal, que mandou criar esta vila”.

Levantou o pelourinho, símbolo terrível de autoridade naqueles recuados tempos.

Em 21 de junho, com as mesmas cerimônias de estilo, inaugurou Vitorino a vila de Crato, que sucedeu à Aldeia do Brejo, antiga Missão do Miranda.

Deve ter gastado Soares Barbosa, de Fortaleza ao Crato, ida e volta, a passo de cavalos, cêrca de quatro longos meses. Foi bem escolhida a época de viagem, por estar o sertão verdejante e florido.

Na fundação das vilas de Baturité e Crato já não era mais governador de Pernambuco Luís Diogo, mas seu sucessor, o conde de Vila Flor, nomeado por carta de 16 de dezembro de 1763, o qual ratificou a comissão ao aludido ouvidor. Tudo correu, portanto, exatamente legal.

Na ata que foi lavrada no Crato, firmada pelo escrivão Elias Paes de Sousa Mendonça, lê-se que deveriam estabelecer-se na nova vila os índios como moradores, os da Missão de Jucá, da ribeira de Inhamuns e os da aldeia de Quixelô os que estiveram fora da Missão de Telha com todos os índios dispersos e pertencerem a alguma das novas vilas e povoações”.

Providenciou o govêrno de Pernambuco sôbre remessas de enxadas, foices, machados, para o trabalho de picadas e demarcações, de 4 varas, tinteiros, pesos e medidas para padrões.

Não foi olvidado o patrimônio da Câmara, que não sei qual foi. Infelizmente era incompleto o documento que tive entre as mãos relativo à fundação de Crato. (Irineu Pinheiro)

Recomendava ainda o governador de Pernambuco que se dessem “datas de terras àqueles brancos que por seu procedimento, se possa confiar sirvam de exemplo para animarem os índios no trabalho e os adiantarem na civilização.”

Na ereção da Vila do Icó, S. Magestade o Rei mandou que se distribuíssem áreas em quintais, bem amplas e delimitava os terrenos a serem subdivididos, equitativos e com a obrigação de cultivá-los. A colonização lusa pode apresentar defeitos, tão peculiares à humanidade, em geral, mas foi assaz benéfica, criando nova e pujante nacionalidade no lado de cá do Atlântico. Muíttimas vêzes o aborígene era melhor tratado pelo reinól legítimo do que pelo seu descendente mestiço e já nacionalizado.

Na célula municipal, com sua câmara e vida semi-independente, foi onde se criou a forja da futura emancipação nacional. Crato se constituiu em autêntico exemplo disso, como em ponto maior, aconteceu com Recife, S. Paulo, Ouro Prêto, ou Vila Rica.

A padroeira de Crato, embora introduzida pelo fundador da Missão do Miranda — o capuchinho do Ofício de Olinda — Frei Carlos Maria de Ferrara, é devoção arraigadamente portuguesa — Nossa Senhora da Penha de França. Missão Velha teve como orago — S. José, tão integrado à velha Lusitânia e o lisboeta Santo Antônio ficou em Barbalha, e assim por diante.

A segunda comarca do Ceará foi a de Crato, criada a 27 de junho de 1816. Seu primeiro ouvidor foi José Raimundo do Paço Porbém Barbosa, depois, tomou parte no governo temporário do Ceará, propenso a Portugal.

Para a distribuição de justiça, êsse fato revestiu-se de importância excepcional, notadamente pelo caso especial de ter sido escolhido, para o alto cargo, um homem probo e de valor. “Era um homem superior”, no dizer do historiador João Brígido dos Santos Com efeito, Porbém Barbosa patrocinou a construção de uma casa de caridade em Icó; tomou interêsse pela intensificação das operações mercantis dessa vila e, além disso, foi o primeiro a levantar a idéia do aproveitamento da água do S. Francisco para a irrigação dos rios do Ceará, especialmente o Salgado. Tomou posse Porbém Barbosa da Comarca do Crato, a 12 de julho de 1817.

Nos movimentos pela Independência, como sucedeu em todo o Brasil, elementos lusos liberais deram-lhe inteiro apoio. Mesmo na revolta nativista de 1817, eclodida em Recife e que contou com a adesão do Crato, a 3 de maio, havia dois portugueses natos entre os incondidentes. Francisco Pereira Maia, natural de Guimarães e Francisco Cardoso de Matos eram reinóis revolucionários, em Crato. Receberam o castigo de prisão. Mais tarde, o último foi nomeado juiz da comarca de Crato, por ato de sua câmara e por fidelidade ao partido liberal, logo após a abdicação de D. Pedro I. Convém frisar que D. Pedro, liberal em Portugal, fôra forçado a deixar o governo, no lado de cá, pelo seu partidarismo contrário ao liberalismo. Contra os restauradores também o português Joaquim Pinto Cidade, em 1831, sendo assassinado no Brejão-Barbalha, por elementos conservadores de Joaquim Pinto Madeira, chefe caramuru, que encabeçou revolta contra a Regência. Foi êsse assassinio que provocou a condenação à morte do caudilho Pinto Madeira, em 1834 em Crato.

Bárbara Pereira de Alencar, heroína da revolta de 1817, genitora dos independentistas José Martiniano de Alencar e Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, era casada com o português José Gon-

calves dos Santos, natural da freguesia de Trepejo, bispado de Lamego.

José Pereira Filgueiras, vencedor do Major José da Cunha Fidió, em Caxias, no Maranhão, assim assegurando a independência no norte do País, comandante de armas do Ceará, na Confederação do Equador, em 1824, era filho do potuguês José Quesado Filgueiras Lima, casado com Maria Pereira de Castro. Assim, no lado de cá, contamos com o valor luso a lutar, ombro a ombro, com os brasileiros, amantes da liberdade.

José Martiniano de Alencar, cabeça da revolução de 1817, em Crato, quando deputado no Rio, soube situar bem a posição do elemento lusitano, em relação ao Brasil nascente. Ao rebater o discurso ultra-jacobino do ex-revolucionário recifense de 1817, o qual pretendia até mudar a língua portuguesa neste pedaço da América.

“Falou em seguida o padre José Martiniano de Alencar, definindo com admirável lucidez a situação. Até o princípio de 1822, todos, portugueses, brasileiros, formavam uma só sociedade, uma só nação, a nação portuguesa. Eis que, porém, os membros dessa sociedade, que habitavam a parte da nação chamada Brasil, se declararam independentes e fundaram a nação brasileira. Mas, quem fez isto? Só os habitantes do Brasil nêle nascidos? Foram também os habitantes do Brasil, nascidos em Portugal, e, por isso, uns e outros ficaram gozando os mesmos direitos, todos eram membros da mesma família brasileira, todos eram brasileiros. O fato do nascimento em Portugal não diminuía o direito de cidadão brasileiro e só o Merecimento importava. A rivalidade entre brasileiros e portugueses, necessária até certo ponto para sustentar a independência do Brasil, devia, pela obra prudente do legislador, ser mitigada, abrandada, para que se não excitasse a cizânia e o ódio e desconfiança entre marido e mulher, o pai e o filho, o caixeiro e o amo, e finalmente os mesmos súditos e o monarca.

Alencar combateu o projeto Muniz Tavares com um senso realista que muito o honra, deixando evidente o que havia na medida de impolítico e perigoso” (9).

O cariense, como o lusitano, usa dar apelido aos partidos políticos. Em Portugal chamavam de *Malhados* e outros nomes. No Vale Cariense, Corcundas, Maxixes, Malabares, Gogós ou Carrapatos, conforme suas características regionais. Exemplifiquemos: Carrapato é o que se apega ao poder sem querer deixá-lo.

Outra herança bem lusa, que coube ao Ceará e ao Cariri, embora zona úmida, é o nomadismo que o atrai, e independente das

(9). — Sousa (Otávio Tarquínio de), *Três golpes de estado*, in “Os fundadores do Império”, págs. 33 e 34.

sêcas periódicas, em todos os recantos do Brasil e às vêzes ao estrangeiro.

CULTURA INTELECTUAL MAIS ELEVADA.

Os escritores portuguezes foram bem conhecidos e apreciados pelos leitores carienses, até há bem pouco, últimamente estiveram mais esquecidos pela avalanche da literatura nacional e traduções estrangeiras. A Faculdade de Filosofia de Crato, com sua rica biblioteca, com secção lusa, tem incentivado o gôsto pelas publicações da mãe-pátria.

Entre a gente simples há dois vultos literários de Portugal, que ainda sobrevivem, são citados, apreciados e deturpados. Só o brasileiro Rui Barbosa conseguiu até agora firmar-se no conceito popular, em geral, quanto os dois poetas portuguezes — Camões e Bocage. O autor dos *Lusiadas* tem entre iletrados, o nome deformado de *Camonge* e freqüentemente é confundido com Bocage. As próprias anedotas, que correm de bôca em bôca, muitas vêzes, são de Bertoldo, se não me falha a memória, bôbo da Côrte na Sicília ou outro reino da antiga Itália.

Para os anos, no mesmo dia e na mesma hora, o grande poeta freqüentava determinada feira no interior de Portugal. Para experimentá-lo, grupo de amigos reuniu-se e dirigiu inopinadamente a Camões a pergunta, quando passava êle em local habitual:

— O que é melhor da galinha?

— O ôvo, respondeu o vate, — sem movimentar a cabeça.

No ano seguinte, no mesmo lugar, idênticas horas e data, o grupinho, pelo seu porta-voz, indagou-lhe, à queima-roupa, como completamente da pergunta de um ano atrás:

— Com que, Camões?

— Com sal — foi a resposta exata, após 365 dias de intervalo de rapidíssimo diálogo.

Os Lusiadas, a epopéia máxima dos feitos lusitanos nos mares e terras ignotas, livro indispensável, até há pouco, para a análise lógica dos cursos ginasiais ou secundários, era espécie de algóz do estudante. A gente só começava a compreendê-lo, quando não mais se preocupava em arrancar a oração principal, naquele meandro de frases sonoras, muitas vêzes enigmáticas para o analista incipiente. Não compreendíamos então que, naquele poema de tanta expressão e beleza, havia a codificação da língua portugueza, que é tão nossa, quanto do antigo condado portugalense.

No Cariri havia algumas pessoas que sabiam de cor parte importante, ou mesmo, todo o poema — *Os Lusiadas*. Este era o caso

proprietário agrícola — Antônio Belém de Figueiredo. Residia no sítio São Gonçalo e possuía casa comercial em Crato. Não sabia só o poema máximo da língua, todo de cor e salteado, como aplicava os seus conceitos nos elementos mais precisos. Sabedor disso, fui procurar Dr. Elísio Gomes de Figueiredo, genro daquele comerciante e agricultor, já falecido. Possui êle igualmente memória prodigiosa. É dono de atraente palestra que sobremaneira sabe prender. Contou-me Dr. Elísio, que é meu parente, o episódio que tentarei resumir:

Em aniversário de pessoa da casa daquele médico, houve reunião íntima na residência, com comes-e-bebes, e nessa intimidade familiar, tão própria de brasileiro, que por sua vez herdou do ancestral lusitano. Antônio Belém compareceu à festinha íntima. Na sala teve oportunidade de observar, em cima de consôlo, bonita estatueta de bronze de confecção portuguesa, representando, com arte pura, a figura mitológica de *Tritão*. Antônio Belém apurou os olhos no nariz, fixou a bela escultura, lavor perfeito de artista luso e recitou, alto e solene, êstes oportunos versos de *Os Lusíadas*, que o Dr. Elísio sabe também de cor:

*“Nos ombros de um Tritão, com gesto aceso,
Vai a linda Dionis, furiosa,
Mas não sente quem leva o doce pêso
De soberbo com carga tão formosa.”*

O poeta Bocage andou pelo Brasil. Nossa terra, portanto, não lhe era desconhecida. Foi no tempo em que a espécie de Gestapo lusa, comandada pelo intendente Pina Manique, dava caça aos boêmios, desordeiros e conspiradores, contra o Rei.

“Quando Bocage chegou ao Rio de Janeiro, de passagem para a Índia, trazido pela nau de viagem Nossa Senhora da Vida, Santo Antônio e Madalena, que saíra de Lisboa a 14 de abril de 1786, ainda não tinha completado vinte e um anos de idade” (10).

Mas, a influência de Bocage no Nordeste e no Cariri, principalmente, não chegou daquela permanência na capital da colônia. É importação de Portugal, através de Recife, como tudo parece crer. Anedotas de arrepiar cabelos ao lado de outras, mais ou menos inocentes, são atribuídas a êle ou então a *Camonge*.

Há episódio da vida de Bocage que perdurou até bem pouco, em terras caririenses. É aquêle em que patrulha lisboeta o encon-

(10). — Montello (Josué), “Coleção Carnaúba”, imrensa Universitária do Ceará. Fortaleza. 1966.

trou na rua, alta noite, em estado de embriaguês. O comandante, em vóz enérgica, mandou que parasse, perguntando-lhe:

— Quem és, de onde vens, para onde vais?

O repentista não titubiou:

*Eu sou o poeta Bocage
Que vendo da loja do Carola
E vou para o outro mundo
Se me disparares a pistola*

Ainda no meu tempo de criança, mais taluda, ouvi isso, atribuído a Bocage, parecendo ser de Bertoldo:

O poeta era assíduo freqüentador do palácio do Rei, sendo òtимальmente recebido pelo monarca. Mas, ao contrário dos outros áulicos, nunca fazia a mais ligeira curvatura a sua Magestade. O Rei intrigou-se com o caso, tão repetido, e quis pregar uma peça em Bocage. Mandou fazer porta bem baixa para dar acesso a seus aposentos. O vate anunciou a sua chegada. O monarca mandou que lhe dessem entrada. Quando reparou naquela passagem que o obrigava a curvar-se, não teve outra saída. Virou-se e entrou de traseira. O Rei deu-lhe bom ponta-pé na parte do corpo que lhe era oferecida, tão irreverentemente. Bocage respondeu com explosão intestinal que encheu o aposento de terrível fedor, têrmo que nós caririenses empregamos, à maneira de certas regiões portuguesas. O soberano quis zangar-se de verdade, mas o visitante cìnicamente pôs água na fervura:

— Quem bate em minha porta eu respondo.

Há, porém, a presença de Portugal, pelos livros de seus escritores, poetas e romancistas lidos e relidos outrora e agora ressurgindo. Camilo, Júlio Diniz, Eça, Pinheiro Chagas, Herculano, Castilho, Garret, Guerra Junqueira, Ramalho Ortigão.

O conselheiro Acácio se tornou tão vivo e conhecido como qualquer pessoa de carne e ósso. O Melro foi por muito tempo, como a Judia, de Tomás Ribeiro, das poesias indispensáveis nos recitativos de salão. Em noites enluaradas, em roda de crianças, contava-se estórias de trancoso, assemelhando-se à tragédia de Inês de Castro, decantada por Luís de Camões. Era o conto *Ai Dor! Filhinha do Amor!*

Vejamos o que nos diz o emérito investigador da história literária de Crato — jornalista Francisco S. Nascimento (11):

(11). — Nascimento (Francisco S.), *Esboço da evolução literária de Crato*, in "Itaytera", Crato. 1958 n.º 4, pág. 62.

“Deixemos para o futuro escavações literárias, a Companhia Dramática Mocidade Cratense, que floresceu por volta de 1887, o Clube Romeiros do Porvir, celeiro de cultura de onde saíram as nossas mais brilhantes penas do passado.

Para provarmos, aos olhos dos incrédulos, que fizemos literatura, à base dos melhores modelos de cultura do século XIX bastaria que citemos os nomes de Fagundes Varela, Camilo Castelo Branco, Vitorino Palhares, Artur Azevedo, Adelino Fontoura, Gonçalves Crespo, Guerra Junqueiro, Raimundo Correia, escritores e poetas insignes, que influíram em nossa formação, no que essas figuras excelsas estiveram presentes nesta terra pelas páginas de nossos periódicos”.

Como vimos, no meio de brasileiros ilustres, há portugueses bem lidos e conhecidos a influenciarem a vida literária cariense. Até há pouco tempo, vivíamos tão envolvidos pela mãe-pátria, que falávamos, nos escritos, em primavera, outono, estações inexistentes no Nordeste, rouxinóis, cotovias, etc. Nas festas de salão, entre poesias de Castro Alves, Casemiro de Abreu ou Raimundo Correia, havia lugar privilegiado para Guerra Junqueira, Tomás Ribeiro. Do último se ouvia sempre, em declamações.

*“Meu Portugal, meu berço de inocente,
Lisa estrada que andei, débil infante,
Variado jardim de adolescente,
Meu laranjal em flôr, sempre odorante,
Minha tarde de amor, meu dia ardente,
Minha noite de estrêla rutilante,
Meu vergado pomar de um rico outono,
Sê meu bêrço final no último sono.”*

Ouvíamos tais versos com tamanho embevecimento, falando-nos tanto à alma, como se fôsse poesia plangente de Casemiro de Abreu.

O fadinho sentimental não era estranho. Não havia guitarra a acompanhá-lo, mas gemiam os violões dedilhados por mãos peritas. Dizem que o fado nasceu no Brasil. É filho das duas pátrias irmanadas pelo mesmo sentimentalismo. Lá se chama fado, aqui modinha.

Eudório Romão, de excelente voz, cantava, em Crato, em serenatas:

*Choraram tanto, choraram,
Derramaram tanto sal,
Que o mar é feito de prantos
Das noivas de Portugal.*

Em tempos mais recuados, ouvi fados em calçadas e rodas de famílias, entoados por moças cantadeiras de então. Um deles pas-

sava a ser o fado do *Liró*. Creio que é deturpação de *Hilário*. Não sou entendido em fadistas e unicamente apreciador de fadinhos. Gosto sempre de ouvir programas de música à Rádio Nacional de Lisboa.

Lembro-me bem do trecho de tal fado do *Liró*:

*Vou pedir a Deus que deite
Tantas gotinhas de leite
Numa concha de carmim,
Para ver se se assemelha
À tua boquinha vermelha
Com teus dentes de marfim!*

Velhos almanaques lusitanos circulavam, há tempos, em múltiplas localidades caririenses. Era no tempo do apogeu do charadismo. Havia decifradores e colaboradores dos mesmos. Muita gente por pedantismo intelectual, vive a atacar tais publicações. Esquecem o papel que desenvolveram na aproximação do mundo português brasileiro, no enriquecimento do vocabulário e no próprio gosto que desenvolveram na arte de escrever. Os mais difundidos, no Brasil, foram: *Almanaque de Lembranças Luso Brasileiro e Almanaque das Senhoras*.

A mania pelo exercício mental do charadismo está quase passada. Aquelas publicações, conhecidas no continente português, suas colônias e Brasil, encerraram a sua missão. *O Almanaque Bertrand*, espécie de enciclopédia do mundo português, ainda perdura e tem seus apreciadores no Cariri cearense.

A feira é outra sobrevivência lusitana, em terras sul do Ceará. No norte é praticamente inexistente, a não ser na nova fase: feiralivre. É costume velho como a serra do Araripe ou a Sé de Braga. Têm origem antiqüíssima. O Papa Constantino determinou que se desse o nome dos dias da semana, com o acréscimo da palavra feira, com exceção do sábado e do domingo. Isso ficou apenas na língua portuguesa. A feira de Crato é na segunda, como na cidade caririense de Campos Sales. Aos sábados se dão essas reuniões semanais, em Juazeiro do Norte, Barbalha, Missão Velha e outras cidades da mesma zona. É costume universal a feira, mas o copiamos de Portugal.

Escreví, recém-lançado livro *Folgedos Infantis Caririense* (12).

“Em Minas, a educadora Angélica de Rezende publicou, com letras, músicas e comentários — *Nossos Avós contavam e cantavam*. É uma bela coletânea de motivos folclóricos, sendo muitos deles cantigas de rodas do mundo infantil. Carneiro e Cia., foram os editores, em Belo Horizonte. É brochura artística, com ilustrações e grande

(12). — Figueiredo Filho (José Alves), *Folgedos infantis caririenses*. Imprensa Universitária do Ceará, 1967, pág. 122.

formato. Nada vi ali que se assemelhasse aos cantares de roda do Cariri. Nosso particular, parece que nos aproximamos muito mais de Portugal, do que de Minas e provavelmente, doutros Estados sulinos.”

O Cariri cearense, embora com energia elétrica de Paulo Afonso, com transportes modernos, é ainda atrelado à agricultura e à pecuária. Arlindo de Souza, em *Língua Portuguesa no Brasil* afirma (13):

O português do Brasil está cheio de ruralismo de além-mar. Muitos deles são, possivelmente formações de primitivo romance, e vindo, logo com os primeiros imigrantes e colonizadores.”

No Vale Caririense, como em Portugal de outros tempos, ainda se usa *Capela* em lugar de *Grinalda*, nas corôas de flores naturais ou artificiais de noivas e de meninas de primeira comunhão. Casar de véu-e-capeia é quando uma moça vai ao altar receber a bênção, é a bênção nupcial.

Arcaísmos lusos são usuais no Cariri, como por exemplo: filhoz, sarapatel, cuscus, cuscuzeiras, da arte culinária ou *Jeropinga*, ainda há pouco vendida no Bar Ideal, de Deodoro Gomes de Matos. Tais termos, com sobrevivência nesta região, são heranças da mãe-pátria, conforme o já citado Arlindo de Sousa.

Botar é verbo divulgadíssimo entre nós do sul do Ceará. Em São Paulo, obrigatoriamente se diz — *Galinha botar ovos*, enquanto aqui usamos para isso exclusivamente o verbo pôr.

O carro-de-bois da paisagem normal caririense é importação lusa, com quase toda a sua nomenclatura. É tôsco veículo utilizado de norte a sul, com variantes regionais, mas com a origem comum na Lusitânia.

Outra cultura lusa bem difundida, já arraigadamente nordestina, é a renda de almofadas. No Cariri foi bem difundida, hoje em declínio, pelo preço não compensador de produto. Os bilros caririenses são de côco de macaúbas em vez de pequenas esferas de madeira. Os alfinetes, nas zonas rurais muitas vêzes eram substituídos, nos cartões, por espinhas da mesma macaubeira, ou de mandacaru.

Tomemos conhecimento de bem feito estudo de Valdelice Carneiro Girão, técnica consumada no assunto, publicado em *O Ceará* (14), coletânea orientada pelos escritores cearenses Raimundo Girão e o Reitor Antônio Martins Filho:

Histórico — “Apesar de haver indícios de sua fabricação em Venezuela em 1536, alguns autores pretendem que a renda de bilros sur-

(13). — Sousa (Arlindo de), *Língua Portuguesa do Brasil*. Edição Fundo de Cultura. Rio de Janeiro.

(14). — 3a. edição. 1967.

giu pela primeira vez na Europa, em 1632, ali introduzida por Mignerak.

Em Portugal apareceu a palavra renda, ao que tudo indica, já em 1560, no reinado de D. Sebastião, para significar renda em geral.

Trazida para o Brasil por mulheres portuguesas, vinda com suas famílias, da mãe-pátria, onde tradicionalmente, se dedicavam ao mister de fazer rendas, tomou essa arte, desde início do século XVII, feição nitidamente nacional, que até hoje se conserva e podemos notar pelos nomes dados aos seus diferentes tipos.

A região, por excelência, das rendas-de-bilros, no Brasil, é o Nordeste, principalmente o litoral e sertões do Ceará

Podemos dizer, sem favor, que a nossa terra chegou a ser dos maiores e dos mais famosos centros rendeiros do Brasil.”

A renda de almofada, vale, pela sua pouca remuneração, está em franca decadência. Valdelice Carneiro Girão, especialista na pesquisa e classificação das rendas de bilros, já tem escrito bastante sobre o assunto, em revistas e opúsculos, disseminados em todo o país. Classificou pacientemente tais rendas, cujos nomes, em parte, muito imitam às de Portugal. Convém lembrar o papel desenvolvido na civilização da família brasileira pela mulher açoriana. Mas a renda de almofada é peculiar a Portugal continental, isso comprovado, através de sua literatura. São conhecidas universalmente, as rendas da ilha da Madeira.

No presente século tivemos a presença atuante de portugueses progressistas no meio caririense. É o caso de Manoel Simões Loiro. Chegou aqui, mais ou menos de 1914 para 1915. Homem enérgico, analfabeto, porém, inteligente e empreendedor, tenaz e de força hercúlea. Montou bem aparelhada padaria substituindo os pães antigos, verdadeiras borrachas sintéticas, por produto bem acabado, com fermentação regularizada. Fabricava bolachas variadas e introduziu na zona, as carroças puxadas à tração mular. Fêz fortuna e ótima roda de amigos. Faleceu, velho, em Fortaleza. Seus sobrinhos afins Srs. Acácio e Ângelo, ainda hoje mantêm padarias bem apetrechadas, o primeiro em Crato e o segundo em Juazeiro do Norte.

O estabelecimento de educação marcante na região e que mudou a fisionomia cultural e moral do Cariri do século passado, foi o Seminário de S. José, fundado em 1875, em Crato, pelo primeiro bispo do Ceará — D. Luís Antônio dos Santos. Entre seus primeiros dirigentes se encontrava o lazarista português padre Boa Vida. No século atual, o mesmo Seminário teve como assistentes espirituais dos alunos os jesuitas de Portugal — padres Redondo e Domingos, ambos exemplares, cultos e santos sacerdotes.

Não faz muito tempo que estive a ver fotografia, em revista de ultramar, de certa cidade do interior angolês. Identifiquei, pela praça, o retrato comum de muitas vilas e cidades interioranas do Nordeste, ou mesmo do Brasil. As mesmas residências de tijolo e telha, em tórno de praça, tendo a Igreja a dominá-la.

Em Crato há muitos sobrados, como igualmente noutras localidades vizinhas, embora comecem a surgir edifícios de vários andares, à maneira americana. Dois daqueles sobrados são caracteristicamente de estilo lusitano. Foram edificadas, no século passado, pelo Snr. Antônio Luís Alves Pequeno Júnior e pela família Gomes de Matos, copiando sobradões de Icó, lugar, outrora, inteiramente dominado por negociantes portugueses. São de idêntico modelo aos existentes ainda em Recife, Salvador, São Luís e mesmo na zona antiga do Rio de Janeiro, na Guanabara.

Nada nêles cheira à influência holandesa. Não creio na origem flamenga dos sobrados do Recife. Todos êles se parecem com os de São Luís, Bahia, Icó, Aracati, onde nunca chegou qualquer tipo de construção estranha, nos tempos coloniais. O holandês, embora tendo o esplendor da côrte de Maurício de Nassau, nada deixou de duradouro no Brasil, a não ser o inato espírito de rebeldia contra o estrangeiro, do pernambucano. A capitulação de Taborda marcou a total retirada do flamengo no Brasil, sem ficar qualquer vestígio permanente. A Holanda é grande em sua civilização, dentro de suas fronteiras européias. Nunca foi boa colonizadora, como a África do Sul e Java nos demonstram. Só o lazarista holandês deixou obra imorredoura no Brasil porque vinha em missão inteiramente cristã.

Até o elemento étnico, louro, de olhos azuis, existente em zonas rurais caririenses, nos Carás e em Barbalha, nada possui de sangue flamengo, como alguns julgam só pela aparência.

O holandês não se casava com brasileiros, a não ser de pais e mães lusos e não penetraram no interior. O conde Maurício, por medida de defesa, fundou Penedo, no São Francisco e não deixou traços que perdurassem. O louro do interior nordestino, ainda é de ascendência sueva, do Entre-Douro-e-Minho.

“Se pelo sangue, retinte de suevo, se considerava do mais altanado em nobreza e terçava arcos pelos privilégios inerentes, a ar-raia miúda lhe era dedidcada e mais não poder ser” (Aquilino Ribeiro).

O louro, metido entre mestiços, chegou-nos do norte de Portugal, portador da influência milenar dos suevos antigos. Nada possui de sangue flamengo e nem tão-pouco da efêmera ocupação, em certos pontos, dos flibusteiros franceses. Se, porventura, o holandês

estivesse fincado no Braasil nordestino, estariam os homens de côr, os mestiços, em geral, totalmente isolados como os negros na África do Sul, ou o javanês anterior ao advento da República da Indonésia. Graças à colonização lusa, o Brasil não tem discriminação racial, mostrando assim grau de civilização superior a muitas nações de progresso material estonteante, mas primitivismo bárbaro na complicada questão de raças, tão insegura para o futuro. No Cariri, nos Inhamus, no Jaguaribe, ainda podemos ver o tipo bem lusitano, com suas características, apenas com o sotaque sertanejo. São as famílias insuladas em sítios e fazendas, conservando hábitos bem antigos e casando-se com gente da mesma estirpe.

SEBASTIANISMO NO CARIRI.

O homem de qualquer latitude e de tôdas as épocas, nunca está satisfeito com o presente. Olha saudoso para o passado, nao só de si próprio, como da espécie. É o Eden dos israelitas. Com o nome diverso, é a recordação atávica de todos nós. O futuro outrossim é aguardado com franco otimismo. A aspiração coletiva vai mais além. Sonha cotidianamente com nova idade de Ouro, à maneira da *Canaan*, do mesmo judeu, ou a *Terra Prometida*.

O *Sebastianismo* é a aspiração do povo inculto português, de um reino miraculoso a vir, mais cedo ou mais tarde, a sanar todos os males coletivos. É filho direto do subdesenvolvimento e da falta de educação, mais ou menos, generalizada. O fenômeno nasceu, quando a velha Lusitânia perdeu seu jovem e esperançoso monarca, terminando o Reino por passar à soberania da Espanha, secular e visceralmente inimiga de Portugal.

Não houve choque maior para o patriotismo lusitano. E o recalque generalizado ficou, eclodindo em manifestação messiânica. O fenômeno extravasou pelo Brasil, com efeitos de tragédia. No lado de cá, houve a fusão de três elementos étnicos por natureza supersticiosos. No subconciante das raças traziam no sangue velhas práticas fetichistas, baseadas nos ho:ocaustos propiciatórios, à base do sangue humano. Houve, do lado de cá, aventuras terríveis, de arrepiar cabelos. Tôda a herança da África, dos ameríndios, veio à tona, tudo à espera de um reino encantado que viesse a libertar aquê-le povo de seu perene sofrimento. D. Sebastião, jovem, empreendedor, o Esperado, seria o salvador desejado de Portugal e também de seus filhos dêste lado do Atlântico. Alguém já afirmou, não sei se com a devida base, que D. Quixote de la Mancha é espécie de figura deturlada de D. Sebastião, el-rei de Portugal.

Aquêlê sonho irrealizável contagiou a gente ultra-ignorante do Cariri cearense. Recentemente houve surto perigoso de sebastianismo em pleno coração do Vale, entre as cidade mais evoluídas em pleno triângulo do progresso Crato-Juazeiro-Barbalha. Transcreverei, à guisa de curiosidade, artigo que fiz na imprensa fortalezense, naquela época:

SEBASTIANISMO NA REGIÃO DO CARIRI? A REDENÇÃO PELO FOGO

“Crato — Em Santa Teresa, no município de Barbalha, ocorria, até bem pouco tempo, fato demasiadamente anômalo. De ha muito seus moradores não se casavam na matriz de Santo Antônio. Os casais, daquelas bandas, procuravam exclusivamente o juiz para o contrato civil. Aquilo causava estranheza, uma vez que o rurícola caririense é fundamentalmente religioso e casa-se sempre na igreja. A simples união civil é tida como mancebia. Há pouco ainda, era chamado aquêlê casamento de *Lei do Cão*. Sabia-se igualmente, que naquelas redondezas, havia reuniões repetidas com ceito ritual.

Teria surgido outro beato José Lourenço, como no caso antigo de Caldeirão? Foi fato muito mais grave do que o do beato, cujo *Boi Santo* fôra sacrificado peo Dr. Floro. Seu reduto de Caldeirão provocara a intervenção armada da policia cearense, no tempo do Estado Nôvo.

José Lourenço nunca matara nem um pinto para a redenção dos pecados humanos. Na realidade era homem de coração bom e tinha até vaidade e contentamento em servir bem aos outros, quer ricos ou pobres.

João Batista, de Santa Teresa, mestiço, amarelado, pendido mais para branco, baixo, com bigode, é muito diferente do negro velho de Caldeirão.

É nôvo *Messias* outro pregoeiro do reino de D. Sebastião. Diz ser o Padre Cícero ressuscitado, trazendo mesmo no anular, o anel com as iniciais PC.

Casava e batizava por conta própria. Diz ao povo que chegou a hora dos *Joãos*. Deve ter recebido influência de gente mais conhecedora das coisas. Ou seria êsse conhecimento disseminado em todos os recantos, pelos rádios transistorizados?

Em suas pregações explicava que João Goulart era o presidente do Brasil, João Kennedy, da América e o último papa se chamava João XXIII. Seu rito principal constituia em roda de crenças, com as cabeças de encontro às outras. Assim o nôvo *Profeta* anunciava o próximo fim do mundo e o modo *seguro* da redenção dos pecadores pela expiação do *Fogo*.

Em Pedra Bonita, em Pernambuco, no século passado, João Antônio, seu homônimo e tão cruel quanto o atual fanatizador de Santa Teresa, pregava igualmente a remissão pelo sangue. Agora chegou a vez do fogo apocalíptico. G. Gomew, conforme coleta

de emérito folclorista Luís da Câmara Cascudo, fez em versos, a previsão do fim do mundo, que se aproximava:

*“Eu pelo menos me rejo
Pelas antigas profecias,
Estou lembrado das palavras
De Moisés e de Elias,
Mas o povo está enganado
E não faltam muitos dias ... ”*

João Batista, que pretendia ser o precursor de *Nova Era*, tal qual o santo de seu nome, há quase dois mil anos, tomou a profecia ao pé da letra. O fogo não destruiria a humanidade somente após a consumação dos tempos. Deveria agir logo, com o sacrifício de inocentes. Crianças estavam assim destinadas ao holocausto ao *Moloch* de suas convicções infernais.

A ignorância e o sub-desenvolvimento são caldos de cultura para todos os males. João Batista convenceu a um casal de pobres agricultores a oferecer-lhe um filho menor para o tal sacrifício, a fim de salvar esta infeliz e sofredora humanidade, cheia de pecados. E assim, em grande roda humana, ao crepitar de fogueira, a criança foi atirada às chamas *redentoras*. A mãe, não pôde suportar o cruento espetáculo. Atirou-se ao filho que ardia. Tarde demais! Não fez mais do que ficar queimada, sendo depois recolhida ao hospital de Juazeiro do Norte.

Entretanto, aquela gente tosca, voltada ao tempo das credences sangrentas, estava a poucos passos da civilização. Colégios, vias férreas, campos de aviação, fábricas modernas, tráfego intenso de carros, clubes, tudo cheirando ao maior progresso, cercavam aquêle primitivo ritual.

João Batista foi preso em Barbalha. Está fleumático e continua a receber visitas de seus adeptos, que lhe levam presentes em utensílios e dinheiro. Dizem até que aquela criancinha sacrificada à ignorância e à maldade, não foi a primeira a ser imolada na pira *Salvadora*. A tentativa da ressurreição de Pedra Bonita não pode ficar em vão. Pesquisadores sociais, repórteres, criminalistas, devem ser convocados para inquirido seguro a fim de que tais fatos, gerados pela falta de educação do povo e deficiência alimentar, não mais se reproduzam, em pleno centro progressista, na era da electricidade da zona. Até quando a miséria, a ignorância, a má fé criarão êsses tristes casos no Brasil?”

Já é tempo de encerrarmos êste trabalho. Portugal não desapareceu e nem desaparecerá do cenário cariense. Sua presença é imorredoura. E avultará com o progresso que nos bate à porta. Vive na tradição. Em cada um de nós há uma saudade inestinguível da mãe-pátria no subconciente. De vez em quando, aflora, com a leitura, com a música ou com a história. Há uma nostalgia em todos nós. Temos vontade de ver suas praias, seus tesouros históricos, suas aldeias, vinhedos, cidade, montes e quintais pitorescos. Ou re-

vê-los, pois já o conhecemos no pensamento, pelo coração. A saudade é sentimento português que guardamos, nós, seus herdeiros, bem no fundo da alma. Embevecidos sintonizamos com o fadinho, muito popular em Crato, há quatro décadas, mais ou menos:

*Eu tenho dentro de mim,
Em mink'alma escondidinha,
Um tesouro imortal,
É uma saudade antiga,
Dessa pátria doce e amiga,
Do meu velho Portugal!*

*

BIBLIOGRAFIA

- "*Engenho da Rapadura do Cariri*". J. de F. Filho — Edição do Serviço de Informação Agrícola — n.º 13, da coleção Ministério da Agricultura — Rio.
- História do Cariri* — Vol. I — J. do F. Filho — Crato, 1964 — Edição da Coleção Estudos e Pesquisas — Faculdade de Filosofia de Crato.
- "*Santa*" — Romance Cearense — Pedro Ferreira, 1966.
- "*Língua Portuguesa no Brasil*" — Arlindo de Sousa — Editora Fundo de Cultura, Rio — GB.
- "*O Folclore no Cariri*" — J. do F. Filho — Imprensa Universitária do Ceará 1962.
- "*Itaytera*" — 11.º número (a sair) Crato, 1967.
- "*Cantares do Povo Português*" — Rodney Gallop — Instituto de Alta Cultura de Lisboa.
- "*Revista Brasileira de Folclore*" — setembro e dezembro de 1962 — Rio, Gb.
- "*Três Golpes de Estado*" — Otávio Tranquínio de Sousa — História dos Fundadores do Império.
- "*Santos de Casa*" — Josué Montello — Edição Carnaúba — Imprensa Universitária do Ceará, 1967.
- "*Itaytera*" — Crato, 1958.
- "*Folguedos Infantis Caririenses*" — J. de Figueiredo Filho — Imprensa Universitária do Ceará, 1967.
- "*O Ceará*" — Antônio Martins Filho/Raimundo Girão. 3a. Edição, Fortaleza, 1967.

*

* *

INTERVENÇÕES.

Da Profa. *Célia Freire d'Aquino Fonseca* (FFCL. da Universidade Federal de Pernambuco. PE.).

Inicialmente diz querer parabenizar o Prof. Figueiredo Filho pelas informações valiosas sobre as sobrevivências portuguesas no

Cariri e que se projetaram na região através de Pernambuco e da Bahia. Da mesma maneira as informações sobre o rico folclore ainda existente no Cariri e chegados, como informa o Autor, pelo São Francisco.

Refere-se também à diferenciação do que foi o resultado de aculturações e do que permaneceu mais lusitano ou mais puro.

Quanto às denominações antigas vindas através de Pernambuco e o encontro dessas expressões naquele Estado, mas desconhecida em outros; nascida em Pernambuco conhece e é testemunha da existência das expressões citadas.

*

Da Profa. *Vilma Cardoso Monteiro* (FFCL. da Universidade Federal da Paraíba. Pb.).

Diz que não leu o trabalho porque êle foi somente distribuído para alguns dos participantes na hora da intervenção; no entanto quer congratular-se com o Autor pela sua exposição, quando nos mostrou alguns aspectos da sobrevivência portuguesa na História do Cariri quando nos fala daquela região, muito rica, como pode verificar na cidade do Crato e vizinhanças.

O trabalho apresentado, continua, além de atender perfeitamente ao temário do Simpósio, alerta os estudiosos do Nordeste do Norte para a necessidade da preservação das fontes primárias para a História Regional; por outro lado sabe que ainda há muito o que fazer no Nordeste, sob o aspecto de sobrevivência portuguesa. Declara que já está trabalhando na Paraíba nesse setor, quando cuidou, por etapas, da sobrevivência através do Barroco e dos Monumentos Militares.

Afirma também que a exposição do Prof. Figueiredo Filho foi uma das notas mais amenas e que a sua presença trouxe um dos espíritos mais jovens entre os professores que compareceram ao Simpósio.

*

Do Prof. *Sérgio Teixeira*.

Pergunta ao Autor: qual é a causa da preservação da sobrevivência de tantos traços e elementos da cultura portuguesa na região do Cariri?

*

Da Profa. *Alice Piffer Canabrava* (Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas da Universidade de São Paulo. SP.).

Declara que veio trazer ao Prof. Figueiredo Filho as suas mais vivas congratulações. Primeiramente pela presença, no Simpósio, do Estado do Ceará que, êle representa, como professor da Faculdade de Filosofia do Crato. Em segundo lugar pela contribuição sôbre a história da região do Cariri, da qual é mestre consagrado. Com êsse seu modo despretençioso e com a generosidade do autêntico narrador, o Prof. Figueiredo Filho trouxe na messe de fatos, um documentário vivo, só possível a quem como êle, tem vivência de sua inteira vivência na região, animado sempre por uma curiosidade que se mantém aberta até hoje. Para o pesquisador atento, vai recolhendo as pérolas que o ilustre investigador do Crato distribui às mãos cheias. Como exemplo enumera a difusão das plantas cultivadas, que é um tema fundamental para as ciências do homem . . . A presença na região do Cariri das árvores de fruta, ainda com os seus nomes originais, como a lima da Pérsia, a tangerina (a laranja de Tânger), a que se poderia acrescentar a manôa (das ilhas do Hawai), a banana de São Tomé, o pêssego (da Pérsia) e tantas outras, que nos leva a indagar quais seriam os roteiros de sua expansão no Nordeste, os agentes anônimos de sua difusão. Nada mais estimulante para o historiador do que a maravilhosa aventura do colonizador, que traz na sua bagagem um caroco de manga, uma muda ou semente de plantas, que êle finca na terra com amor, e que vê crescer e frutificar.

Outro problema de difusão das plantas exploradas pelo homem: conta-nos o Prof. Figueiredo que a expansão dos colonizadores no Nordeste coincidiu com a difusão da palmeira (côco da praia ou da Bahia, *cocus nucifera*) que êle conscientemente ia plantando ao longo dos seus passos, para fonte de suprimento nas novas áreas conquistadas, pois sabemos que êle é originário da Ásia e da Oceania, foi levado de Salvador para Recife pelo governador Diogo Botelho. Informação importante que esclarece também sôbre a formação da paisagem. E não seria êste também um dos processos de difusão do pinheiro no Sul, pela mão dos comerciantes de animais de transportes paulistas: sabemos que a penetração de Fernão Dias Paes foi balisada pelas roças de milho e mandioca que preparavam o caminho do bandeirante. Três aspectos, portanto, do processo geral de difusão das plantas cultivadas ou utilizadas pelo Homem. Pistas de pesquisa para o esclarecimento do problema, ainda muito pouco conhecido na nossa História.

RESPOSTAS DO PROF. JOSÉ ALVES FIGUEIREDO FILHO.

À Profa. *Célia Freire d'Aquino Fonseca.*

Agradeço às boas referências à minha *Comunicação*. É grande e com raízes bem sólidas, a influência de Pernambuco no Cariri cearense. As famílias caririenses são quase as mesmas que dominam os municípios vizinhos de Exu, Araripina, Bodocó ou Ouricuri, todos pernambucanos. Mas há outras vinculações mais profundas. O intercâmbio comercial sempre foi mais intenso entre Crato e Recife do que com Fortaleza. Antigamente os pais de famílias abastados mandavam seus filhos estudarem no Seminário de Olinda, e depois, na Faculdade de Direito do Recife. Foi por influência pernambucana que o Cariri tomou parte em todos os movimentos independentes e republicanos de 1817, 1822 e 1824.

O folclore caririense, que é o mais rico do Ceará, chegou-nos através do rio de São Francisco.

*

À Profa. *Wilma Cardoso Monteiro.*

Tive o prazer de conhecê-la pela primeira vez, em Crato, a ministrar ótimo e proveitoso curso de História que fez época. Agradeço-lhe, igualmente, as palavras de elogio para a modesta contribuição a este *Simpósio*, que se desenvolve tão brilhantemente. Folguei em saber que a professora já iniciara pesquisas em torno da contribuição portuguesa na arte paraibana. À Sra. e seu espôso — meu amigo Hélio Monteiro — devo a feliz oportunidade de ter conhecido o forte de Santa Catarina, em Cabedelo, obra da capacidade criadora do colonizador lusitano. Sinto-me desvanecido em ter entrevisto, através de meus cabelos brancos, a juventude de espírito que ainda me anima. Tudo isso é filho da amizade que une o casal a mim e à minha consorte.

*

Ao Prof. *Sérgio Teixeira.*

Sendo a cultura portuguesa a mais elevada de toda aquelas que nos formaram é natural que haja perdurado mais viva e atuante do que a contribuição afro-ameríndia. Muito obrigado pelo interesse que tomou pelo meu trabalho.

*

À Profa. *Alice Piffer Canabrava*.

Muito sensibilizado fiquei pelo seu parecer. E a Senhora é dos elementos mais dinâmicos do *IV Simpósio de História* e que tomou parte decisiva em sua organização. Os portugueses foram os disseminadores de vasta cultura agrícola, que transplantaram de vários continentes para o Brasil e aqui, de tal forma se adaptaram como se fossem tôdas plantas nativas.

A primeira tentativa de colonização do Ceará foi realizada pelo açoriano Pero Coelho, no alvorecer do século XVII. Fracassou. Encarregado Pero Coelho por Diogo Botelho, a plantar coqueiros na orla litorânea por onde passasse, mesmo no meio de suas agruras, não esqueceu as recomendações do Governador Geral. Distribuiu mudas de coqueiro pelas praias. Transformaram-se depois em fontes de rendas, bom alimento e adorno para o litoral do Ceará.

No Cariri não tivemos jesuitas, outros bons disseminadores de novas culturas agrícolas, ou portugueses puros. mestiços foram os nossos primeiros povoadores, portadores da civilização lusa, ou capuchinhos com os mesmos princípios de renovação da terra e do homem. Introduziram a riqueza que ficou e dominou o Cariri, por muito tempo, a cana de açúcar.

Com um trabalho metucioso e de equipe, pode se fazer a pesquisa da introdução e das origens da riqueza vegetal caririense, a começar pelo trabalho do naturalista e revolucionário pernambucano de 1817 — Dr. Arruda Câmara.